**As relações corporais na Educação Infantil: corpos cheio de si e do outro**

*Adriane Soares dos Santos[[1]](#footnote-1)*

**EIXO TEMÁTICO:** Formação de professores e educadores de infância

**RESUMO**

O presente trabalho tem como objetivo compartilhar reflexões que se produziram a partir de uma pesquisa monográfica realizada com crianças de dois anos, no contexto de uma instituição pública de Educação Infantil, na qual foram focalizados as relações e sentidos que são mobilizados pelo corpo nos encontros entre crianças e adultos na creche. Os instrumentos de pesquisa utilizados foram: observação e registro em diário de campo, fotografia e entrevista com professoras da turma pesquisada. Concluo o estudo afirmando a importância da formação de professores em uma pedagogia do corpo inteiro.

Palavras-Chave: Corpo, crianças, adultos, creche, relações.

**Introdução**

Somos corpos cheios, cheios de água, de células, de pelos, de desejos, de curiosidades. Somos cheios de nós e de outros, que nas interações, nas brincadeiras, nos encontros e no cotidiano vão nos constituindo, nos modificando e nos refazendo.

Nessa direção, este trabalho tem como objetivo compartilhar reflexões que se produziram no tempo-espaço de uma pesquisa realizada com crianças de dois anos, na qual foi focalizado as relações e sentidos que os corpos, cheios de si e de outros, produzem no encontro com o espaço físico e relacional da creche. Que sentidos e possibilidades têm o corpo para crianças tão pequenas? Como crianças de dois anos lidam com o reconhecimento dos desejos do corpo e os limites, regras e (im)possibilidades da cultura institucional? Que significações o corpo da criança tem para o adulto educador? Em que perspectiva o corpo da criança é alvo da intervenção do adulto?

Essas questões são produzidas, por um lado, pelo reconhecimento do corpo da criança como marca de sua alteridade geracional, sobretudo, por sua potência como linguagem, interação, resistência e experiência lúdica (ARENHART, 2016) e, por outro, pelo reconhecimento dos constrangimentos e acomodações que a relação com as instituições sociais da modernidade, especialmente, a escola, produzem na conformação, disciplinamento e docilização dos corpos (FOUCAULT, 2007).

Em contrapartida a esse controle fixo e exacerbado, o corpo reage, comunica, transgride. Uma reação que se expressa através da linguagem do corpo, isto é, a linguagem corporal, que possibilita trocas singulares e sutis entre os sujeitos.

Tiriba (2008), em suas contribuições, pondera acerca de um corpo silenciado, em detrimento da valorização dos processos mentais. Um corpo emparedado na sala de aula, controlado por carteiras que impedem o movimento, a descoberta, a expansão corporal. Segundo a autora, nosso corpo começa a ser escolarizado logo na Educação Infantil, nossos movimentos começam a ser formatados, inicia-se o processo de empobrecimento da nossa criação e da nossa capacidade de expressar-nos com o nosso próprio corpo.

O corpo na Educação deve ser compreendido no sentido ampliado, somos seres corporais e devemos nos perceber como tal. Assim, no presente estudo, assumimos a concepção de um corpo múltiplo, produtor de linguagens e interações. Um corpo para além do corpo biopsicossocial. Um corpo que é construído no encontro com outros corpos, nas marcas feitas pelo outro, no olhar, no desejo, na escuta e no cuidado do e com o outro.

**O caminho percorrido da pesquisa**

A pesquisa de campo foi realizada com um grupo de crianças de dois anos numa escola de Educação Infantil da rede federal. Ao longo do processo investigativo, foi utilizado como instrumentos de pesquisa à observação e registro em caderno de campo, fotografia e entrevistas com professoras. No decorrer das observações o acompanhamento de diferentes momentos da rotina do grupo, como o almoço, o lanche, as brincadeiras, a ida à sala de leitura, as andanças e aventuras pelo pátio, possibilitou a reflexão e análise sobre como as relações corporais entre os sujeitos da pesquisa se manifestavam.

Com base numa perspectiva interpretativa para a pesquisa em Ciências Humanas (SARMENTO, 2008), torna-se possível compreender que o acompanhamento do cotidiano, dos sentimentos e das percepções move os sujeitos/pesquisadores que interagem, interpretam e constroem sentido sobre o que está presente na realidade pesquisada. A partir desta perspectiva, realizei pesquisa de campo, com análise qualitativa, buscou perceber os significados e sentimentos mobilizados pelos sujeitos nas relações estabelecidas.

Ademais, é notório pontuar que o estudo apresentado também reflete acerca da mobilização do próprio corpo enquanto pesquisadora no encontro com as crianças e adultos da pesquisa; os desafios, dilemas e possibilidades construídos nesse encontro.

Nesse caminhar, evidencio um dos primeiros dilemas se refere ao receio de aceitação da pesquisadora pelos sujeitos da pesquisa, especialmente, pelas crianças. Logo no primeiro momento de ingresso no grupo, pudemos ver as questões da pesquisa pulsando, visto que o corpo das crianças informava à pesquisadora sentimentos que se deslocavam entre a desconfiança e curiosidade; entre receio e o desejo de aproximação.

Quando cheguei à sala do grupo 2 as professoras me apresentaram informando às crianças que eu estava realizando uma pesquisa e que iria passar alguns dias com o grupo. Na sala já havia uma estagiária, papel esse que já assumi inúmeras vezes, mas agora era diferente, eu estava ali como pesquisadora. Éramos quatro adultos e 10 crianças. Assim que a professora me apresentou, as crianças me encararam, algumas me ignoraram, outras me olharam desconfiadas, principalmente Giovana[[2]](#endnote-1) que me encarou e ficou longe; tentei me aproximar, ela sempre se afastava. Amanda e Luíza, no primeiro momento, também não me deram assunto, mas minutos depois me convidaram a brincar puxando o meu braço e me levando em direção aos brinquedos (Diário de Campo, 19/11/2018).

No trecho que destacado, evidencio a reação expressa pelo corpo que as crianças manifestaram, Gabi em sua reação de afastamento, com seu olhar desconfiado impôs um limite espacial e corporal na nossa relação, esse limite durou cerca de 3 dias, até ela começar a se aproximar de mim. Em contrapartida, as outras crianças rapidamente aceitaram a minha presença e passaram a me incluir no cotidiano do grupo.

Nesse relato, considero importante pontuar o quanto a linguagem corporal é inerente às crianças e o quanto a interpretação acerca dessa linguagem é importante para a construção de relações e interações com elas. Assim, a delicadeza, sutilezas e especificidades em fazer pesquisa com crianças pequenas se expressaram no modo com observar e estabelecer tais relações. O olhar atento aos movimentos, expressões e mobilizações dos corpos das crianças nas relações estabelecidas entre pares e com os adultos fizeram emergir reflexões que culminaram na categorização em três movimentos relacionais. São eles: o movimento relacional criança - criança, criança - adulto educador, adulto educador - criança.

Em cada movimento relacional organizado constatei que o corpo se colocava de determinada maneira em prol da necessidade específica do momento observado. Nesse sentido, no movimento relacional criança-criança percebi que as relações corporais estabelecidas perpassam a dimensão do afeto, do cuidado, da força, do poder, da confiança. No movimento relacional criança-adulto observei que as relações percorreram a dimensão do afeto, da confiança e da transgressão. No terceiro e último movimento relacional adulto - criança verifiquei que as relações estabelecidas entre os sujeitos transitavam na dimensão do afeto, do cuidado, do poder e do controle. Evidencio que tais dimensões são as que mais se destacaram no decorrer das minhas observações, contudo outras trocas aconteciam, principalmente no momento em que as crianças do grupo 2 se encontravam com outras crianças (maiores e menores) no momento da rotina Institucional.

**Movimento relacional criança-criança: força, afeto, cuidado, cumplicidade**

Na análise sobre os sentidos mobilizados pelo corpo nos encontros das crianças entre si, destaquei quatro dimensões: o corpo como força, afeto, cuidado e cumplicidade. Passamos a discutir como isso aparece a partir do recorte de algumas cenas/eventos extraídos do diário de campo.

Num primeiro evento, o qual se destaca o corpo como força, conforme destacado a seguir em um trecho do diário de campo.

As crianças do grupo estão brincando na sala, quando decido observar mais atentamente a brincadeira de Lorena e João. As crianças brincam pulando nas cadeiras, dando risadas, se olhando. Paulo está próximo, mas somente observa. Lorena e João não convidam Paulo para entrar na brincadeira. Existem outras cadeiras espalhadas pela sala, mas Paulo não faz o movimento de ir buscá-las para brincar junto, ele somente olha; um olhar que expressa o desejo de brincar com os amigos. Lorena e João não percebem o olhar de Paulo e continuam pulando na cadeira. Paulo parece perceber-se fora da brincadeira e em um movimento de força tenta tirar Lorena e João de cima da cadeira. Mas as crianças se recusam a sair e continuam brincando. Paulo, então, começa a chorar (Diário de campo, 27/11/2018).

Na cena, podemos observar a força corporal que Paulo tenta impor às outras crianças no momento que tenta interferir na brincadeira com as cadeiras.

Sua presença silenciosa e seu olhar participam da cena, mesmo não sendo notados explicitamente pelos outros. Em dado momento, resolve colocar-se. Naquele instante, o corpo é comunicação, expressa sentidos, desejo. Tentar tirá-los da cadeira e chorar são modos de fazer-se presente pela linguagem corporal. Afetos, encontros dos corpos que potencializam a comunicação estão presentes.

Na cena a seguir verificamos um movimento de cuidado entre as crianças.

A professora do grupo tinha solicitado que as crianças calçassem os sapatos para que todos pudessem descer para brincar no pátio. Cada criança pegou seu sapato para calçar; porém, Lorena percebeu que João estava sem o seu. Foi até o local onde os calçados ficam, pegou o do amigo, e o chamou para calçar. João levou na brincadeira, mas em seguida, defronte ao toque e a insistência de Lorena, puxando seus pés e pernas, ele permitiu que a amiga colocasse seu sapato (Diário de Campo, 12/12/2018).

No que tange à dimensão do, observei os toques, os gestos e os olhares. Nas ações entre os pares, as relações criança-criança eram permeadas por afetos de alegria e consideração do outro. De maneira sutil, muitas vezes sem a mediação da palavra, as crianças mostravam atenção para com as outras.

Para Guimarães (2011), o cuidado dilata as possibilidades da educação. Trata-se de atenção ao outro, responsividade. É possível notar entre as crianças, mergulhadas em ricas interações dialógicas com os adultos, iniciativas de cuidado com as outras crianças. O corpo materializa esse movimento.

A partir de uma perspectiva histórico-cultural e social, a criança constitui-se subjetivamente nas relações que constrói com o outro desde o seu nascimento; então, o cuidado, como modo de relação e reconhecimento do outro, pauta e marca os sentidos de si mesmas por parte das crianças. (ARENHART; GUIMARÃES; SANTOS, 2018, p.1683).

O momento de interação registrado evidencia o cuidado e o afeto que as crianças construíram entre si a partir da convivência cotidiana e da experiência entre pares e com os adultos educadores.

**Movimento relacional criança - adulto: afeto, confiança, resistência**

Ao observar as relações corporais que as crianças construíam com os adultos educadores, destaco a dimensão do afeto, da confiança e da resistência. As relações de afeto e confiança através do corpo se evidenciavam em diversos momentos do cotidiano do grupo, como no brincar, na alimentação e no banho.

As crianças estavam brincando com diversos brinquedos. Tinha bola, boneco, peças de madeira e animais. Paulo e Luíza estavam brincando juntos com os animais, quando começaram a disputar um dos brinquedos. Paulo puxava para um lado, enquanto Luíza puxava para o outro. Em determinado momento a menina solta o brinquedo e Paulo cai deitado no tatame. Ele então começa a chorar e olha ao seu redor buscando as professoras. As professoras estavam um pouco afastadas do grupo, dando atenção para outras crianças que não estavam brincando no tatame. O adulto mais próximo era eu. Paulo me olha, e vem em minha direção. Eu estava sentada, ele senta em meu colo e eu então o abraço. Ficamos assim durante alguns minutos até que ele se acalma, me olha e volta a brincar com as crianças, só que agora Paulo ficou mais próximo de mim, chegando a abraçar minha perna enquanto brincava (Diário de Campo, 12/12/2018).

Na cena descrita,os corpos das crianças buscam os corpos dos adultos de referência em situações em que as mesmas se sentem desprotegidas ou frustradas. O toque, o carinho, o aconchego e a segurança que o corpo do adulto promove para a criança são descritos no relato do diário de campo no momento em que Paulo se acalma e depois volta a brincar, só que agora mais próximo ao adulto.

A dimensão da resistência se evidenciava nos modos como a linguagem corporal das crianças se manifestava frente a falas de negação ou atenção das educadoras.

**Movimento relacional adulto-criança: afeto, cuidado, poder, controle**

O movimento relacional adulto-criança é permeado pela dimensão do cuidado como atenção; ao mesmo tempo do cuidado como proteção, poder e controle. Ressaltamos também a percepção da posição de um adulto que brinca e explora junto com as crianças e que, através do seu corpo, evidencia seus limites e potencialidade nas práticas e experiências cotidianas.

Consideramos importante pontuar que, para além do cuidado numa perspectiva sanitarista e higienista, a pesquisa evidenciou o cuidado como ética e modo de relação responsivo com as crianças.

Mais do que como momento da rotina institucional, ação sobre a ação das crianças, cuidar é um modo de relação do adulto com a criança nos atos pedagógicos/educacionais. Ao considerarmos a ação adulta, cuidar é estar atento a si e ao outro, é desenvolver um modo responsivo e responsável de contato, é escutar (com todos os sentidos), responder, compreender ativamente a criança (ARENHART; GUIMARÃES;SANTOS, 2018, p.1683).

Desse modo, na contramão da perspectiva do cuidado meramente protetivo e assistencial é importante construirmos um olhar para a criança pequena como sujeitos ativos, relacionais, compreendo a qualidade das ações dos educadores nas relações institucionalizadas com as crianças, considerando suas possibilidades de afetá-las, desenvolvendo diálogo, atenção e contato.

**Considerações Finais**

A pesquisa de campo realizada evidenciou que a construção de relações e experiências através do corpo e a ressignificação desse corpo no processo de aprendizagem não deve ocorrer somente para a criança com relação ao seu corpo, mas, também para os professores, na medida em que somente poderemos libertar as crianças de um corpo adestrado quando nos libertarmos também de nossas amarras corporais. Saliento a importância de uma formação de professores em que os educadores conheçam seu eu-corporal, explorando seus próprios corpos, compreendendo seus limites para que possam estar com seus corpos disponíveis para as crianças e as trocas e descobertas cotidianas na Educação Infantil. A formatação do nosso movimento desenvolvido com o passar dos anos promove o empobrecimento da criação e da expansão da nossa criatividade, da nossa capacidade de nos expressarmos via corpo.

Nessa perspectiva, é importante atentarmos para a construção de um corpo adulto disponível para o que emerge dos movimentos relacionais com as crianças; um corpo atento ao sentido das ordens instituídas; um corpo que se enche de si e do outro para indagar a própria forma de existir... eis aí alguns anúncios que a própria pesquisa permitiu, a reflexão acerca de uma pedagogia das relações, dos afetos, numa pedagogia de corpo inteiro.

**Referências Bibliográficas**

ARENHART, Deise; GUIMARÃES, Daniela; SANTOS, Núbia Oliveira. *Docência na Creche: o cuidado na educação das crianças de zero a seis anos*. Educação & Realidade. Porto Alegre, v. 43, n. 4, p. 1677-1691, out./dez. 2018.

FOUCAULT, Michel. Vigiar e punir: nascimento da prisão. 20. ed. Tradução Raquel Ramalhete. Petrópolis: Vozes, 1999

GUIMARÃES, Daniela. *Educação de corpo inteiro*. In: O corpo na escola. Salto para o futuro- TV Escola, ano XVIII, boletim 4, 2008.

TIRIBA, L. *O corpo na Escola*. In: O corpo na escola. Salto para o futuro- TV Escola, ano XVIII, boletim 4, 2008.

1. Pedagoga formada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professora Substituta de Educação Infantil do Centro de Referência de Educação Infantil do Colégio Pedro II, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Contato: adrianesoares95@gmail.com. [↑](#footnote-ref-1)
2. [↑](#endnote-ref-1)